

*Escrevivência e fabulação crítica na literatura e outras artes
(ou tentativas de retornar para casa)*

Calila das Mercês¹

Os respiros nos ensinam a parar e a prestar atenção em como estamos dentro de nós mesmos, e assim perceber o externo, o contato do corpo com o assento, os sons que lambem ou assopram nos nossos ouvidos e outras conexões com pensamentos rasantes ou turbulentos. Assim como apreciar o mar com sua falta de silêncio, também nos ensina a parar e a ouvir, e a sentir o que vem de dentro dele e de fora, como ele dialoga, convive com o céu, satélites, chuva, terra, com os animais que habitam ou transitam nele ou próximos. Observamos como ele - o mar - convive e reclama dos resíduos envolvidos nas suas águas e que ele, por vezes, tenta expulsá-los mostrando na costa o quanto nós somos descuidados com suas águas. O mar também nos ensina a conviver com uma tatuagem histórica, uma água-viva que queima a nossa pele, e ao mesmo tempo nos entrega uma conexão ancestral de acalento, reencontros e encantamentos, estrelas aterradas no mar, algas, raízes com folhas que boiam mesmo com o sal. E que transbordam para a terra com as mudanças.

Tornar para casa é sempre um misto de ouvir o de dentro e de fora, e com este andarilhar que já tem um pouco mais a metade da minha existência, percebo fazendo este entrecruzamento nas andanças acadêmicas e literárias, um movimento de lá e cá, de cá e lá, uma circularidade que não se finda, como onda espiral que tudo mistura, como respiro que internaliza e também expande, como ramificações livres conectadas a um tronco-raiz. Como a costura das folhas de ariri que a bisavó fazia, uma mulher afroindígena que não conheci. Conheci o Ariri com A maiúsculo, e logo a conheço de alguma forma, quando reconheço este espaço que minha bisavó e minha avó se fincaram, onde minha mãe e outras ancestrais nasceram. O ariri-planta que transbordou, e deu o nome ao lugar de fora, que nem existe mais daquele jeito, e ao mesmo tempo existe aqui dentro. E esse não saber, o que fazemos com ele?

Tem sido assim no trabalho acadêmico, a busca do que não existe mais daquele jeito, entendimento, mirada pelo próximo-distante, diálogos com gente tão de longe que parece de perto, trocar com gente próxima que também apresenta suas andanças e reencontros de si, com seus pares. E também gente desconhecida, trilhas novas, que passam assim a se aproximar, às vezes de si, e por aí vem e vai. Os caminhos diversos na literatura têm também

¹ Escritora, jornalista, pesquisadora pós-doc do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, onde atua em pesquisa coordenada pela professora, escritora e catedrática Conceição Evaristo. Atualmente bolsista Fusp/IEA/USP. Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília. E-mails: calila@usp.br; caliladasmercês@gmail.com

a faceta de nos possibilitar diálogos, encontros com o novo e com as confluências que tanto nos localizam numa ideia que tenho chamado - graças a afroitaliana Igiaba Scego - de "remapeamento". Encontrar uma nova bússola, extrapolar a ideia de escalas reduzidas nesta caminhada que segue em curso. E resolvi partilhar aqui, o que vi na cidade de lá.

Conceição Evaristo - escritora, professora, intelectual, catedrática² - traz consigo o conceito de escrevivência, este que amplifica o entendimento não de uma escrita de si, fincada em um indivíduo, mas de uma escrita de nós. Para além do pensamento foucaultiano que visibiliza o cuidado de si, a escrita enquanto autoconhecimento, a potência do espaço subjetivo, o que o pensamento evaristiano faz ao criar um fundamento que se torna conceito é inscrever por meio de uma palavra nossa, um conceito que bebe também de um contexto nosso, de quem está dentro, que parte de imagens gênesis-fundadoras - a Mãe-Preta (imagem de mulher negra cuidadora) e a Anastácia (que fora escravizada e vedada a sua boca com uma “mordaça” de ferro) - e que dialogam com a palavra escrita, para além da fusão dela.

Em escrevivência, vemos de cara, a aglutinação escrever + viver, mas se observarmos além de escrever, viver, temos a visualidade, o observar em tempos diferentes, e embutida ainda a imagem de ver mais de uma vez, se ver, que poderia ser em um *abebé* e não no espelhamento de narciso³. E dentro disso podemos perceber a semente da força de um conceito que reverbera e se desdobra há quase 30 anos enquanto sentido analítico, metodológico, chave de leitura, e de escrita.

Escrevivência não é um termo guarda-chuva que significa apenas uma forma (auto)biográfica de escrever, mas é uma inscrição que elabora a partir da experiência-vivência que se funde em um processo que envolve *poética* e *estética* no espaço de criação ficcional.

Em *A terra dá, a terra quer*, logo na introdução, que ele chama de "Semear palavras", Antônio Bispo dos Santos, mestre Bispo, nos fala de fundamentos importantes para pensarmos nesta caminhada, e sobre como as palavras podem ser armas e/ou armadilhas, como podemos contracolonizar ainda que utilizando *a língua do inimigo*, e enfraquecendo as que eles determinaram como poderosas, e utilizando as referidas à nossa comunidade, fortalecendo-as:

Por exemplo, se o inimigo adora dizer desenvolvimento, nós vamos dizer que o desenvolvimento desconecta, que o desenvolvimento é uma variante da cosmofofia. Vamos dizer que a cosmofofia é um

² Conceição Evaristo é catedrática da Cátedra Olavo Setúbal de Arte, Cultura e Ciência, onde coordena um projeto do qual faço parte enquanto pesquisadora pós-doc. Supervisiono o Grupo de Estudos em Escrevivência (USP) em que mais nove mestrands e três graduands fazem parte, desenvolvendo estudos sobre escrevivência.

³ Os estudos evaristianos têm discutido isso e formulado algumas produções que apresentam estas discussões de forma mais expandida.

vírus pandêmico e botar para ferrar com a palavra desenvolvimento. Porque a palavra boa é envolvimento”. Para enfraquecer o desenvolvimento sustentável, nós trouxemos a biointeração; para a coincidência, trouxemos a confluência; para o saber sintético, o saber orgânico; para o transporte, a transfluência; para o dinheiro (ou a troca), o compartilhamento; para a colonização, a contracolônização... e assim por diante. (BISPO DOS SANTOS, posição 50/93, 2023.)

Quando mestre Bispo propõe este fundamento, e nos faz pensar em inserirmos mais palavras dentro da língua portuguesa, criamos mais força no que de fato é nosso, e preenchemos, articulamos com alguns códigos que nem todos alcançarão, é utilizar, adestrar a língua. Enfeitiçar é o verbo que ele usa. Temos que enfeitiçar a língua, adverte.

Semeei as palavras biointeração, confluência, saber orgânico, saber sintético, saber circular, saber linear, colonialismo, contracolônialismo... Semeei as sementes que eram nossas e as que não eram nossas. Transformei as nossas mentes em roças e joguei uma cuia de sementes. Quando apresentei essas sementes, essas imagens, essas palavras germinantes, eu tinha a impressão de que a palavra biointeração germinaria mais do que as outras, tanto é que me esforcei muito nesse sentido. Mas o que aconteceu foi que a palavra que melhor germinou foi confluência. Não tenho dúvida de que a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. (BISPO DOS SANTOS, posição 60/93, 2023.)

Eu tenho insistido na ideia de trançar pensamento também. Em trazer pensamentos não distanciados em mechas, e sim com a possibilidade de encontros e desencontros em pontos e extensões que se interseccionam, e que onde seja possível diálogos. Trançar pensamento é uma proposta associada ao ato de organizar ideias de maneira estratégica e política. E, com o tempo, como acontece com as tranças feitas nos cabelos, se faz necessário manutenção, que tanto pode se dar através do desmanche e reconstrução a partir da raiz ou com ajustes de algum ponto. Assim, podemos fazer com as nossas ideias e conhecimentos, lapidar sempre que for necessário com estudos, escutas e trocas. Trançar o pensamento pode ser revolucionário na condução de uma consciência negra emancipadora e que *contracolônize* posturas naturalizadas à população negra.

No ambiente acadêmico, o movimento de trançar os pensamentos se faz necessário para refletir perspectivas diferentes e inserir observações que podem se encontrar ou não nos cruzamentos. E ainda, em tranças, assim como em pensamentos, podemos até fazer uso de fibras outras, dialogar com conhecimentos diferentes, mas é libertador que possamos, sempre que possível, utilizar os nossos próprios fios (e os dos nossos pares) para nossas tranças, as nossas próprias epistemes coletivas para pensamentos e pesquisas, a fim de que o que é realmente nosso não fique camuflado ou escondido, mas cada vez mais à mostra com todas as

características visíveis que os fazem ser tão originais. Usar os nossos próprios fios de pensamentos é um compromisso de autoafirmação, de agência, de optar por movimentos próprios.

Nos dicionários da língua portuguesa-brasileira, o sentido de trança e trançar além do significado de penteado, também aparece como brigar, intrigar, enredar e fazer mexerico. O que transforma completamente um dos sentidos de tranças, que se apresenta como uma forma de escrita, cartografia de resistência, ou, no sentido convencional, como divisões de fios, fibras, em duas ou mais partes que se cruzam e se transforma em um conjunto.

Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida. De fato, a confluência, essa palavra germinante, me veio em um momento em que a nossa ancestralidade me segurava no colo. Na verdade, ela ainda me segura! Ando me sentindo no colo da ancestralidade e quero compartilhar isso. (BISPO DOS SANTOS, posição 60/93, 2023.)

Ao trançarmos pensamentos de amefricanidade e pretuguês de Lélia González, e o olhar para a História do Homem Negro junto às perspectivas de corpo-mapa e quilombos desenvolvidas por Beatriz Nascimento notamos que o trançar pensamentos de mulheres negras pensadoras, pesquisadoras e autoras/artistas transbordam na ideia-chave que Conceição Evaristo desenvolve ao pensar escrevivência.

Escrevivência, conceito que nasce negro, alcunhado em 1995/6, tem sido utilizado e ramificado em diferentes composições e áreas do conhecimento. Ele afirma *corpus* estético em diferença – e tem se configurado com uma episteme que possibilita sairmos de abas frequentes, únicas e, por vezes, limitadas a perspectivas que surgem de Grécia, para pensar na memória e na construção de criações que envolvem a ficção e enredos reais. Assim como Conceição Evaristo observa as imagens primordiais de Anastácia e da Mãe-Preta, - além do recorte-colagem e do aspecto do passado-presente - ofertando para nós alguns caminhos, algumas ressignificações, no artigo *Vênus em dois atos* (2008), a professora e pesquisadora Saidiya Hartman investiga e questiona a representação e a narrativa da figura conhecida como Vênus, colocando em voga a discussão histórica de como o colonialismo e o racismo se fizeram e continuam de alguma forma impressos em outras imagens e espaços. (Para quem não sabe, a história da mulher conhecida como Vênus, uma sul-africana que foi violentada e explorada como uma atração de circo na Europa do início do século 19).

Hartman nos mostra a partir de suas reflexões como a memória do período da escravidão está marcado pela violência também nos registros e arquivos históricos. Então, ela chama de fabulação crítica a necessidade ou a forma de expandir os apagamentos trazendo perspectivas outras que reverberam a memória daquelas pessoas. Uma tentativa de recontar histórias por outros ângulos, cuidados e reparos em relação as produções sempre amparadas de humanidades e silêncios em volta das pessoas que foram escravizadas. Então quando voltamos a pensar em amefricanidade de Lélia Gonzalez, e observar o que ela propõe ao considerar veementemente a afirmação plural da cultura, e da raça na formação do Brasil - e criticar o delírio colonial existente, quando observamos em muitos espaços sociais a insistência da crença que a cultura dos povos originários e negros afro-diaspóricos são apenas anexos, e ainda estão associados a permissão branca nos mover-se – temos um desafio imenso ao recontar e reintegrar a posse dos nossos espaços de criação e desenvolvimento nesta sociedade.

E para esta conversa aqui em que observamos o balanço, os respingos e também os resíduos de tantas coisas, eu trago pra esta roda duas artistas e suas obras artísticas que me atravessaram, e me fizeram parar e refletir, como no respiro e na beira do mar.

Primeiro falarei sobre a artista plástica, Larissa de Souza⁴ (1995), traz em seu trabalho, não somente pinturas, que se somam a ideia da escrevivência, por trazerem consigo memórias, lembranças afetivas, nas cores e texturas que escolhe marcar na sua jornada. Ela traz "as lembranças de cenas que ela gostaria de ter visto enquanto crescia". É forte e política a ideia de desenhar uma lembrança do que se não teve, e de inserir cores, texturas, brilhos, lágrimas, tecidos, imagens de cajus, velas, vidas, em painéis imensos do que não se viu com concretude dentro de casa, a continuidade de histórias que não se sabe se terminou, mas buscou ali encontrar um futuro para aquilo que ficaria esquecido. Sobre os temas presentes na própria pesquisa, Larissa afirma que:

começam aparecer a partir do momento em que passo a me enxergar como uma pessoa não branca, uma pessoa afro diaspórica. Quando essa chave virou para mim, pude reconhecer que vários problemas que a minha família sofreu estão relacionados ao racismo e ao machismo. E isso me deixou muita dor, mas foi necessário. Saber o que as pessoas da minha família já passaram na vida e o que eu vivi, principalmente na minha infância, tem muito a ver com o que vivemos no Brasil. Senti que precisava colocar isso no meu trabalho, sabe? Talvez como uma forma de cicatrizar essa ferida que se abriu. E é por isso que trago em minhas pinturas personagens racializados, porque

⁴ Obras de Larissa de Souza integra coleções importantes, como a do Museu de Arte do Rio (MAR) e no Museu de Arte de São Paulo (MASP). Entre exposições coletivas e feiras de arte nacionais e internacionais, realizou exposição individual na Galeria HOA Tour, "Pertencimento" (2021 – São Paulo), na Galeria Albertz Benda, "Paredes que Contam Histórias" (2023 – Nova Iorque). Tem obra presente na exposição *Dos Brasis* (2023).

representam pessoas dos lugares de onde cresci. Quando abordo temas de afeto, por exemplo, vejo como um desejo de ter presenciado esses momentos entre essas pessoas. Também busco resgatar e materializar momentos de afeto que tive com minha mãe e com minha avó. Então, no geral, posso dizer que atualmente, através do meu trabalho, falo sobre maternidade, afeto, ancestralidade, cotidiano e subjetividades pessoais. (SOUZA, 2021⁵.)

Eu observei primeiro o conjunto de 13 obras, *Pertencimento*, que como o próprio nome já remete às fusões de si a partir de um coletivo. Obras de 2020 como *A morada*, *Dê flores a si mesma*, *Sem título* (mulher mais velha trançando uma jovem), *A benzedeira*, *Proteção para o lar*, *Infância*, *Me enxergar novamente*, *O cajueiro* (de *Planta Oração*⁶), são imagens que partem de uma inspiração que começa nas ruas, com o grafite. É na rua que Larissa diz ter se inspirado antes de começar suas telas, o que também é muito simbólico olhar para fora para olhar para dentro e vice-versa. Mas ainda não terminei esta ideia cá.

A pintora e artista visual conta através de suas imagens, que surgem como outras perspectivas para nós que crescemos vendo imagens muitas vezes reducionistas ou animalizadas da população negra, uma possível completude de histórias de ouvido, ou histórias que remetem o passado familiar e afetivo, vivido, não necessariamente por ela, mas o passado de situações que ficaram em pedaços e que podemos articular tanto com escrevivência, por não partir de materiais de arquivos como a ideia de fabulação crítica sugere, quando associadas a pesquisas documentais. Suas obras refletem e apresentam registros do imaginário e lembranças da memória.

A água é uma máquina do tempo da artista visual Aline Motta (1974), nascida em Niterói e residente em São Paulo, apresenta camadas que ainda observo e talvez aqui eu trago alguns aspectos que consegui observar e que imediatamente me fisgaram. Observamos fabulação artística e política, que é sobre respiros em suas páginas imensamente cheia de intensidade, ainda que com algumas orações, letras, imagens que se expandem gigantes, apesar da página está lá mais de 90% sem escritos. O não escrito não é vazio. Escrever ao pé da página, dos lados de cá e de lá, lembra-nos das ondas, mas também dos resíduos, das idas e vindas, do próximo-distantes, e sobretudo, nos faz pensar nestas confluências temporais, na oralitura descrita e marcada pela professora Lêda Maria Martins. Se por um lado a própria frase, a afirmação que compõe o título do livro "*a água é uma máquina do tempo*" ela é uma

⁵ Ver: Perfil | Larissa de Souza. Disponível em: < <https://www.piscina-art.com/blog/2021/8/14/perfil-larissa-souza>>. Acesso em: 15 de setembro de 2023; Memória em tela: a arte sem limitações de Larissa de Souza. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/sua-vida/memoria-em-tela-a-arte-sem-limitacoes-de-larissa-de-souza>>. Acesso em 15 de setembro de 2023.

⁶ Livro de contos de minha autoria lançado em 2022 pela Editora Nós.

flecha, porque ela não só permite uma travessia, ela permite reencontros com o que é ainda. A água é uma máquina do tempo porque ela é apresentada em várias formas, como a água também pode se mostrar, se transformar. Aline usa diferentes linguagens - instalações, materiais de arquivos, fotografias, textos, recortes de jornais, vídeos, filmagens, performances - para transmitir a saga, a tentativa de reconstituir a genealogia familiar. Chegando aqui, quando visitei suas videoinstalações na sala de vídeo do MASP: *Pontes sobre abismos* (2017), e também *Se o mar tivesse varandas* (2017), *Outros fundamentos* (2017-2019) e *Filha Natural* (2018- 2019).

Lembrei de quando li as primeiras páginas de *Perder a mãe* de Hartman que logo reflete sobre o insucesso desta tentativa de *retorno* aos antepassados, ou fracasso de se ver distante do que o Alex Harley consegue ao escrever sua obra *Roots* (1976). Ligada à fabulação crítica, a obra da artista multidisciplinar que dialoga com cinema, fotografia, apresentação/performance, consistiu em desenvolver um trabalho de pesquisa e recriação na tentativa de tornar visível, o que a história de pessoas negras da sua família tinha como narrativas silenciadas ou desconhecidas sobre a própria origem, comum a história de outras famílias negras, a afrodiaspóricas no Brasil.

As duas artistas, ainda que com a utilização de linguagens plurais, técnicas, feitiços, miragens, cadências diferentes, pensam linhagem/pertencimento, os respiros, os contornos, as lacunas de suas (nossas) próprias histórias, que se entrelaçando com a história das vidas negras no país, apontando para outros horizontes, flutuações e mergulhos de invenção. Se por um lado podemos ver a escrevivência enquanto posição analítica ou até metodológica de uma produção que mesmo em primeira pessoa do singular articula em uma coletividade em um texto que funde real e ficcional, vemos também a fabulação crítica se conectar ao pensamento histórico crítico e político, honrar vidas esquecidas ou injustiçadas pela inexistência de registros. Reflito olhares de artistas contemporâneas/os também estão ligados ao movimento de trançar pensamentos, mostrando perspectivas circulares, espiralares e outras que reivindicam reintegração de posse. E esta ressignifica o ser/estar de comunidades negras, bem como a retomada de ações, histórias e palavras que foram/são silenciadas, deturpadas ou apropriadas pela branquitude, que ainda segue se naturalizando como a identidade social que deve ser considerada norma.

Ausências que se fazem presentes. Espaços aparentemente vazios que dizem tanto. As rotas e seus restos de rua. E eu ficarei por elas também, por enquanto, a mirar os mares daqui, da minha terra e em movimento quando estiver pelas estradas de lá sem mar por perto.

Chego aqui na continuidade desta prosa, porque ela não se finda, sem consegui fechar ou afirmar quaisquer coisas aqui ditas sem desconfiança. Mas, acreditando no que mestre Bispo fala sobre o exercício e o dever de enfeitiçar a língua. E um bom feitiço só funciona quando confiamos na força do que faz tudo acontecer, cada elemento, cada gota, folha, o tanto, os números, os espaços, os preceitos, a paciência de macerar, a paciência da espera para pisar novamente no mar, os nossos ingredientes, o silêncio também pode ser, porque tem detalhes de fundamentos que não se conta por aí para quem ainda não está no tempo de saber, mas para os que dão conta de levar a diante, que neste caso são as palavras. Aos poucos vamos entendendo o quanto é feitiçaria pensarmos em escrevivência e fabulação como tecnologias ou empreitadas ou conceitos que podem nos dar não o acalanto de uma episteme para nós apenas, mas a possibilidade de acolhermos a ancestralidade coletiva que sobrevive apesar de. Conceição nos lembra o tempo todo que a teoria das mulheres negras é um saber que nasce da prática e na aplicação prática que se dá continuidade pensando e vivendo na coletividade. Volto numa parte que falava do mar e dos respiros, de tornar pra casa e da tentativa de fazer isso tudo aqui acontecer comigo e com vocês.

REFERÊNCIAS

CARRASCOSA, Denise. (Org.) *Traduzindo o Atlântico negro: cartas náuticas afrodiaspóricas para travessias literárias*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2017.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

_____. *Quem tem medo da palavra negro*. Org. KON, N. M; SILVA, M. L.; ABUD, C. C. In: O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, C. L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M. R. A. (Org.). *Escrevivências: identidade gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

_____. Conceição Evaristo. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6851/conceicao-evaristo>>. Acesso em: 25 de Mar. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

_____. *Da representação a auto-representação da mulher negra na literatura brasileira*. Revista Palmares: cultura afro-brasileira, Brasília, ano 1, n. 1, ago. 2005, pp. 52-54.

_____. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, jul./dez. 2009.

_____. *Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2010.

_____. "*Não escrevemos para adormecer os da casa-grande, pelo contrário*", diz Conceição Evaristo sobre escritoras negras. Disponível em: <<https://tvbrasil.ebc.com.br/estacao-plural/2017/06/nao-escrevemos-para-adormecer-os-da-casa-grande-pelo-contrario-diz-conceicao>>. Acesso em 08/04/ 2018.

GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. Diáspora Africana: UCPA, 2018.

HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

_____. *Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais*. trad. Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o reino do Rosário no Jatobá*. Belo Horizonte: Mazza, 1997.

_____. *Performances da oralitura: corpo, lugar de memória*. Letras: Língua e Literatura: Limites e Fronteiras, Santa Maria, n. 26, UFSM, jun. 2003.

_____. *Performances do tempo espiralar*. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (Org.). *Performance, exílio, fronteiras, errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Poslit, FALE/UFGM, 2002.

MERCÊS, Calila das. *Calila das Mercês Oliveira. Movimentos e (re)mapeamentos de mulheres negras na literatura brasileira contemporânea*. 2021. 220 f., il. Tese (Doutorado em Literatura). Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. *Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: possibilidade nos dias da destruição*. Diáspora Africana: UCPA/Editora Filhos da África, 2018.

PAULINO, Rosana. *Imagens de Sombra*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo: R. Paulino, 2011.

_____. *Rosana Paulino: Artista visual, pesquisadora e educadora*. Disponível em: <<http://www.rosanapaulino.com.br/>>. Acesso em 20 de abril de 2018.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa oficial, 2006.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: INCT, 2015.

_____. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, 2023.

SCEGO, Igiaba. *Minha casa é onde estou*. Tradução: Francesca Cricelli. São Paulo: Editora Nós, 2018.